

DAVID BATCHELOR

“Um trabalho, acima de tudo, *sobre* cor, e não apenas *com* cor.” É isso que costuma afirmar David Batchelor, quando questionado sobre as motivações para sua produção, da qual uma parte pode ser vista, no Centro Universitário Maria Antonia, na exposição *Parede por parede*. O artista escocês, que atualmente vive e trabalha em Londres, não consegue explicar com precisão quais foram os motivos que o levaram a desenvolver uma pesquisa artística cujo foco principal é a questão da cor. No entanto, conta que, ao longo de sua carreira, que começou na pintura, passou a perceber a complexidade do tema e o pouco espaço que a arte desenvolvida em Londres entre as décadas de 1970 e 80 destinava a esse assunto.

Mas não é somente no trabalho como artista que David Batchelor desenvolve sua pesquisa sobre cor, afinal, ele também atua paralelamente como teórico e ensaísta sobre arte, tendo publicado, no Brasil, os livros *Minimalismo* (Cosac Naify, 1999) e *Cromofobia* (Senac, 2007). Neste último, Batchelor discute sua principal teoria, a de que existe uma espécie de rejeição, por parte da cultura ocidental, à cor, comumente associada ao incontrollável e ao irracional. Afirma, ainda, que a cor é rechaçada pelo mesmo motivo que é celebrada: devido a sua capacidade de nos expor.

Essa cor que tanto o interessa não é exatamente aquela que encontramos na natureza, mas sim a que vemos nas grandes cidades. Assim, por se assemelharem muito mais às tonalidades do ambiente urbano do que às do mundo natural, as cores utilizadas por Batchelor em suas obras são, de modo geral, vibrantes, brilhantes e algo artificiais. Essa questão influencia na escolha dos materiais utilizados pelo artista, como não poderia deixar de ser. No caso das *Blobs*, pinturas expostas no Maria Antonia, por exemplo, o material escolhido para criar as formas circulares coloridas é a tinta acrílica, devido à sua propriedade brilhante e homogênea.



Ainda sobre as pinturas *Blobs*, David Batchelor conta que as bases retangulares que aparecem em todos os quadros são adicionadas às obras semanas ou até meses depois que a tinta das manchas circulares já está seca e podem ser feitas de fita adesiva ou tinta fosca (utilizada para a confecção dos quadros negros escolares), materiais que dão uma superfície uniformemente lisa às formas e, portanto, criam um contraste com a rugosidade dos desenhos circulares. Além disso, essas bases são sempre pretas, ou seja, mais escuras e austeras do que as cores alegres e brilhantes das formas circulares, o que intensifica a oposição entre esses dois elementos. E esse contraste que Batchelor cria entre os componentes dessas suas pinturas é algo que também foi encontrado no ambiente das grandes cidades, onde, segundo o artista, a transição entre as cores ocorre de maneira abrupta, e não de modo gradual, como acontece na natureza.

A relação entre o artista e a cidade, contudo, vai além da questão das cores. O ambiente urbano das grandes metrópoles é componente fundamental de sua pesquisa e espaço onde ele encontra inspiração para

boa parte de seus trabalhos. É o caso, por exemplo, de quando Batchelor, na sua primeira visita à cidade de São Paulo, em 2003, viu os baldes vermelhos iluminados por dentro que eram utilizados como indicadores de obras em andamento em vias públicas. Essa sinalização improvisada, tão conhecida dos paulistanos, chamou de tal forma a atenção do artista que ele começou a pensar na possibilidade de iluminar suas obras tridimensionais por dentro - à maneira como era feito com os baldes em São Paulo -, técnica que mantém até hoje em muitas de suas produções. Outra obra que surgiu da interação entre o artista e o ambiente urbano é *Caçamba* (2012), que consiste, como o próprio nome sugere, em uma caçamba para entulho iluminada por neon e exposta ao ar livre. Segundo David Batchelor, a caçamba é uma espécie de escultura da cidade que, apesar de estar muito presente em São Paulo (ou talvez por isso mesmo), as pessoas tentam ignorar. Com a obra, a intenção do artista era, em suas palavras, convidar as pessoas a olharem de uma outra perspectiva esse objeto - comumente visto como um obstáculo, um entrave à movimentação.

E foi nesse espaço urbano que Batchelor encontrou, também, seus monocromos. Desde 1997, ele fotografa superfícies brancas semelhantes a pinturas que descobre em cidades como Londres, Berlim, Cidade do México, Nova Iorque e São Paulo. O artista diz que esses *Monocromos encontrados* são achados, em maior ou menor quantidade, em todas as grandes cidades. São espécies de lacunas esquecidas em meio ao ritmo acelerado das mudanças dos centros urbanos. Mas, se o ambiente urbano que abriga essas “obras de arte” descobertas nas cidades varia consideravelmente, algo que une todas elas é o fato de serem sempre brancas. Na verdade, o artista chegou a fotografar superfícies de outras cores, mas percebeu que os brancos contrastavam mais com o ambiente urbano e davam a impressão de haver uma descontinuidade, uma espécie de buraco em meio aos prédios. Batchelor destaca, ainda, o caráter efêmero e transitório desses monocromos, que não costumam durar muito e geralmente são preenchidos ou destruídos.

por Lara Rivetti.